

Análise dos curtas de Gabriela Amaral Almeida

“ A Mão que Afaga” e “Estátua”

Cristiano R. Paes (Cris Roppa) _ ELCV - T7

Em "A Mão que Afaga", temos uma mulher inserida em um universo de anulação de sua própria personalidade, de quase inexistência como pessoa, e o que resta, surge como um suspiro de comunicação apenas. O recorte realizado, usando luzes mais indiretas, com sombras duras, colorido tênue, apastelado, uma atuação mais minimalista, e enquadramentos fortalecendo esta atuação, visam a potencialização de um significado dramático depressivo, de amargura, de solidão, em detrimento de apenas mostrar algo, trazendo a sensação de desconforto, fortalecendo a representação da realidade.

Em "Estátua", uma garota com notórios problemas afetivos com sua mãe, resolve completar esta ausência com sua babá grávida. No recorte adotado, a narrativa apresenta aspectos de movimentação de câmera, som, atuação minimalista, e enquadramento que potencializam um significado mais tétrico, levemente aterrorizante, fortalecendo a representação em questão, de um realismo que flerta com o fantástico.

O "Estátua", tem este recorte que reforça um significado mais fantasioso; do que aquele dramático pessoal, centrado na realidade da atendente de telemarketing, no "A Mão que Afaga". Os aspectos da representação por uma atuação minimalista, planos fechados em close frontal, bem como pelo ritmo mais pausado, parecem compor a assinatura de Gabriela Amaral.

Eu particularmente, me identifiquei muito com o trabalho da Gabriela, embora não curta muito a atuação um tanto engessada, minimalista. No caso destas narrativas, ficou ótima a potencialização do significado pela composição destes elementos, e acredito que tenha sido o objetivo exato da diretora.